



UNICAMP

EVENTO: Acervo de partituras da Escola de
Música da UFRJ

VEÍCULO: Folha de São Paulo

DATA: 05 de maio de 1994

PÁGINA: 1ª

SEÇÃO: Caderno 3 - Cotidiano



Obras raras se deterioram no Rio

Acervo da Escola de Música da Universidade Federal do Rio está ameaçado de destruição

Fungo ataca partituras

Da Sucursal do Rio

Uma coleção com 73 modinhas brasileiras e portuguesas dos séculos 18 e 19 é uma das obras raras que estão sendo atacadas por fungos e bactérias na biblioteca da Escola de Música da UFRJ.

“Temos aqui um dos principais acervos de documentação musical da América Latina”, afirma a professora de história da música da UFRJ Vanda Bellard Freire.

Professores e frequentadores da escola temem que, diante da falta de apoio, a maior parte das obras tenha o destino do original da “Missa de Réquiem à Memória de Camões”, do compositor e pianista português J. D. B o m t e m p o (1775-1842). Cheias de buracos, as partituras estão se desfazendo.

Apesar da falta de recursos para a restauração, pelo menos alguns poucos documentos começaram a ser melhor acondicionados, em arquivos especiais cedidos pela UFRJ, como as obras da coleção do padre José Maurício Nunes Garcia —um dos principais musicistas brasileiros na virada do século 18 para o 19.

No entanto, continua sem solução a precária situação do mais importante manuscrito da memória musical brasileira: o Hino Nacional, composto inicialmente por Francisco Manuel da Silva (1795-1865) para comemorar a abdicação do imperador Pedro I.

Diante da importância do documento, a Biblioteca Nacional foi contatada, em janeiro passado, para fazer sua restauração. Técnicos da biblioteca, porém, não puderam ainda avaliar as condições do manuscrito, que está guardado num cofre do setor financeiro da escola. A única chave do cofre foi perdida.

(RL)



Seção da biblioteca da Escola de Música da UFRJ onde estão arquivadas várias partituras



Livro com a partitura “Missa de Réquiem à Memória de Camões” que está na biblioteca

RONI LIMA
Da Sucursal do Rio

O acervo da biblioteca da Escola de Música da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), no centro, que reúne milhares de obras raras, como o manuscrito original do Hino Nacional, está ameaçado de destruição pela ação do tempo.

A biblioteca da escola não apresenta condições adequadas para acondicionar as obras —muitas já contaminadas por fungos e bactérias. “Estamos perdendo grande parte da memória musical brasileira. Algumas partituras se esfarelam nas mãos”, diz a professora de história da música Vanda Bellard Freire, 47.

“O Brasil precisa saber que na biblioteca existe um acervo fantástico, quase perdido, que precisa ser salvo. Não há mais tempo a perder”, diz a empresária e professora de piano Myrian Dauelsberg. A biblioteca tem obras que datam do século 16.

São cerca de 80 mil volumes —sendo 10 mil raros, como obras do compositor Carlos Gomes, manuscritos autógrafos do padre José Maurício e o acervo do antigo Real Teatro São João, que pegou fogo em 1824.

Segundo a professora Vanda, está guardada na biblioteca, na forma de manuscritos, grande parte da produção musical dos séculos 18, 19 e até 20. “O Rio foi o principal centro musical do Brasil no século 19. A maioria desses manuscritos não foi impressa, divulgada e nem tocada em público”, diz Freire.

Além da falta de ar-condicionados, as obras estão amontoadas em estantes inadequadas para servir como arquivo. “Das obras raras, pelo menos um terço precisa ser restaurado. O Hino Nacional, por exemplo, está necessitando de restauração urgente”, afirma o chefe da biblioteca, Paulo Roberto Gonçalves, 41.

A direção da escola está buscando apoio, junto ao governo e a iniciativa privada, para as reformas do prédio e a restauração de obras. Os recursos necessários para a restauração das obras raras chegam, segundo Freire, a US\$ 2,5 milhões. Não existe ainda apoio financeiro à vista para esse trabalho.

A conta para as reformas das instalações da biblioteca —sem contar os aparelhos de ar-condicionado— é menos salgada: US\$ 270 mil. Um pedido de apoio para as reformas acaba de ser enviado à Fundação Vitae, de São Paulo. “Esperamos que a Vitae se sensibilize com a nossa situação”, afirma Freire.